

Narrativas docentes a partir de entrevistas públicas: uma estratégia de formação de professores

Marianna Carla COSTA TAVARES¹
Aliny Dayany PEREIRA DE MEDEIROS PRANTO²
Maria Inês SUCUPIRA STAMATTO³

Resumo: As análises delineadas neste texto visam refletir sobre como as entrevistas públicas foram realizadas de maneira interativa para proporcionar momentos de formação de professores, com base nas ideias desenvolvidas na história pública. Como referencial teórico-metodológico optamos pela história oral em conjunto com a história pública para analisar as trajetórias de vida das professoras sob uma perspectiva sócio-histórica, com base em Santhiago (2016) e Cauvin (2016). Os estudos de Goodson (2022) e Pranto, Sulaiman e Almeida (2023) foram fundamentais para traçar discussões acerca do caráter formativo das narrativas docentes. As entrevistas públicas foram conduzidas de forma dialógica, permitindo a participação do público na construção das narrativas. Elas foram construídas a partir das discussões e reflexões acerca do entrelace da história oral e história pública, que nos permitiram uma visão e construção dialógica e colaborativa. Essa prática evidencia o caráter formativo das entrevistas, enfatizando a necessidade de compartilhar e valorizar as experiências dos professores na comunidade escolar.

Palavras-chave: Narrativas docentes; História oral; História pública; Entrevista pública; Formação de professores.

¹ Pedagoga pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/UFRN), em doutoramento sanduíche na University of Luxembourg, financiada pelo programa CAPES/PRINT. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9731-9009> E-mail: mariannaatavares@gmail.com

² Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Campus Natal, lotada no Departamento de Práticas Educacionais e Currículo - DPEC/CE, na área de Didática e Ensino de História. Doutora em Educação (PPGED/UFRN). Mestra em História (PPGH/UFRN) e graduada em História (UFRN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8998-2343> E-mail: alinydayany@gmail.com

³ Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFRN). Graduada e licenciada em História (URFGS), mestre em Ciência Política (URFGS), doutora em História (Sorbonne), pós-doutora em Educação pela Université de Québec a Montreal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7486-9951> E-mail: stamattoines@gmail.com

Teacher narratives from public interviews: as a teacher education strategy

Abstract: The analyses outlined in this text aim to reflect on how public interviews were conducted interactively to provide moments of teacher training, based on ideas developed in public history. As a theoretical-methodological framework, we chose oral history together with public history to analyze teachers' life trajectories from a socio-historical perspective, based on Santhiago (2016) and Cauvin (2016). The studies by Goodson (2022) and Pranto, Sulaiman, and Almeida (2023) were fundamental in discussing the formative nature of teacher narratives. Public interviews were conducted in a dialogical manner, allowing public participation in narrative construction. They were built upon discussions and reflections on the interplay of oral and public history, which enabled a dialogical and collaborative vision and construction. This practice highlights the formative nature of interviews, emphasizing the need to share and value teachers' experiences within the school community.

Keywords: Teacher narratives; Oral history; Public history; Public interview; Teacher training.

INTRODUÇÃO

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem
(Guimarães Rosa - Grande Sertão Veredas)

O que é ser professora? Essa é uma pergunta que nos instiga e nos permite refletir sobre a docência. Para buscar respostas para essa indagação e propor um momento de reflexão sobre a identidade docente, realizamos duas entrevistas públicas com professoras polivalentes que atuaram no bairro da Cidade da Esperança, em Natal, Rio Grande do Norte. Elas atuaram na escola desde os anos iniciais do bairro até a década de 1990 e participaram tanto da fundação de diferentes escolas na comunidade, como das transformações e mudanças ao longo desses anos. A partir desse contexto, as narrativas das professoras trouxeram diferentes concepções a respeito do que elas pensam sobre o que é “ser professora” que perpassa as suas trajetórias docentes.

Para ser professor, é necessário ter coragem. Nas narrativas podemos observar que se tornar professor e escolher essa profissão é tê-la para enfrentar um dia a dia cheio de perguntas, inquietações e surpresas. Aceitar a responsabilidade de ser professor já é um ato corajoso por si só. Enraizadas na coragem de ser professoras, as reflexões que discorreremos ao longo deste texto têm o objetivo de apresentar como entrevistas públicas foram utilizadas numa perspectiva dialógica para propor momentos de formação docente, a partir das concepções desenvolvidas na história pública.

Mas, por que escolhemos fazer uma entrevista pública? As entrevistas públicas foram construídas a partir das discussões e reflexões acerca da história oral e da história pública, o que nos permitiu uma visão e construção dialógica e colaborativa. Concordamos com Santhiago (2018), ao teorizar que a modalidade de entrevista pública traz consigo a possibilidade de tornar a narrativa oral mais marcante, de modo que o entrelace da história oral e história pública impulsiona a pesquisa com narrativas orais, valorizando-as como produção do conhecimento e formativa. Ao mesmo tempo, corroboramos com as concepções de Andrade e Almeida (2019), que concebem a entrevista pública como caracterizada pela experiência narrada num espaço aberto, com o público.

Portanto, como o nome sugere, as entrevistas foram conduzidas considerando a presença e a participação do público. Antes do momento propriamente dito, construímos as perguntas baseadas no contexto da época da construção do bairro e considerando as histórias de vida das professoras. No entanto, além das perguntas serem abertas para as narradoras terem a possibilidade de discorrer livremente sobre as suas vidas, nós explicamos que o público estaria à vontade para participar, por meio de perguntas ou comentários.

Assim, nas reflexões realizadas nesse processo, foi importante percebermos como as entrevistas públicas potencializam as entrevistas em história oral, enquanto o público tem a possibilidade de ver e ouvir as narrativas sendo construídas e podendo participar dessa construção, bem como, aprender com aquele momento formativo.

Na nossa pesquisa, optamos por utilizar a metodologia de história oral no seu entrecruzamento com a história pública, compreendendo que juntas se potencializam. Nossa reflexão se desenvolve a partir das trajetórias de vida das professoras sob uma perspectiva sócio-histórica, considerando a educação como um processo construído pelos indivíduos ao vivenciarem uma realidade. Autores como Cauvin (2019) e Santhiago (2016) situam o debate sobre história pública em contextos internacionais e brasileiros, destacando seu surgimento e desenvolvimento ao longo das últimas décadas. Frisch (2016) discute o caráter colaborativo da história pública a partir do conceito da autoridade compartilhada. Assim, propomos refletir sobre as possibilidades da história pública na educação, especialmente no que diz respeito às trajetórias de vida docente e ao entrelace da história e do espaço escolar.

O presente texto está organizado em três seções. A primeira seção aborda os procedimentos metodológicos adotados para o delineamento das reflexões acerca da entrevista pública. Em seguida, com base nas contribuições teóricas de Goodson (2022) e Pranto, Sulaiman e Almeida (2023), a segunda seção examina a relevância das narrativas docentes como elemento formativo no contexto educacional. Por fim, na terceira seção, apresentamos as potencialidades da entrevista pública enquanto uma ação de história pública, pois a narrativa é construída em colaboração com as narradoras e com o público presente. Dessa forma, além de ampliarmos o público, também possibilitamos que eles (o público e as narradoras) tenham autoridade na construção da

narrativa. Assim, propomos uma análise e reflexão a partir das narrativas docentes e de sua relação com a formação de professores.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Realizamos a construção das entrevistas, desde a produção do roteiro até o momento de sua realização, por meio dos preceitos e concepções da história oral. Para discutir o que é história oral, concordamos com a definição de Delgado (2017), que a destaca como um procedimento metodológico no qual se criam fontes e documentos a partir de múltiplas dimensões. Segundo ela, isso ocorre por meio de registros de narrativas, testemunhos e versões sobre a história, considerando que esses processos são contraditórios e estão inseridos em um contexto histórico, cultural e social. É importante ressaltar que, em nossa concepção, o uso que fazemos da história oral não é simplesmente um ‘procedimento’, mas permeia todo o processo de pesquisa, desde a construção da fonte até os momentos de análise e construção do conhecimento.

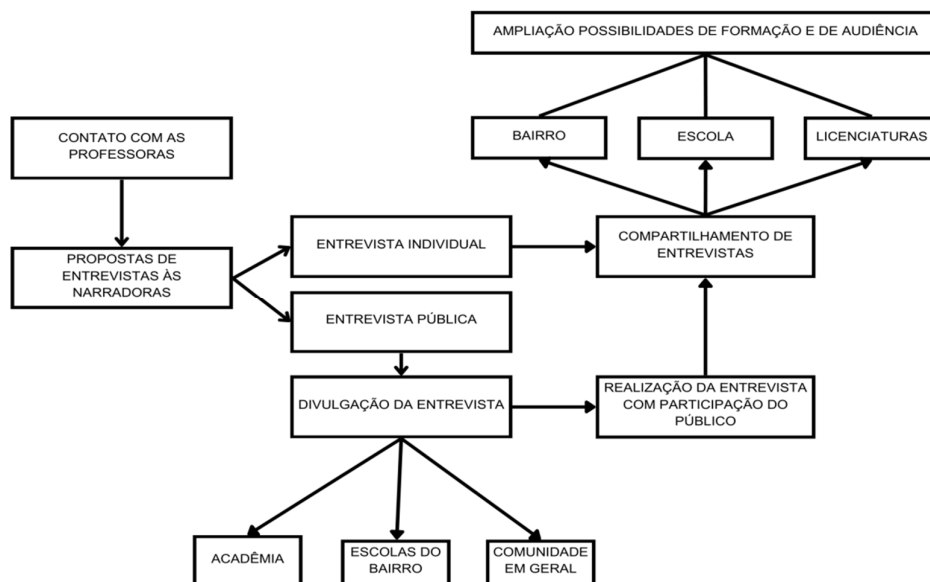
Isso significa que, a partir das fontes e documentos, da análise do pesquisador e do cruzamento dos dados, é que produzimos o conhecimento com base no que escutamos nas entrevistas com os sujeitos da pesquisa. Nessa perspectiva, devemos considerar a temporalidade na qual a narrativa se insere, tendo em vista a relação entre diferentes tempos: o passado, a trajetória de vida do entrevistado e o tempo presente, tanto do entrevistado quanto do entrevistador que produz e planeja as perguntas com base no conhecimento que temos na atualidade. Dessa maneira, consideramos que a trajetória de vida das professoras pode ser estudada sob uma perspectiva sócio-histórica, pensando-a como um processo construído pelos indivíduos ao vivenciarem uma realidade.

A história oral, como uma metodologia de pesquisa histórica, possibilita transformarmos a oralidade em fonte. No entanto, nem toda entrevista é realizada com base nos princípios da história oral. Desse modo, para que a narrativa oral se torne uma fonte, é necessário que haja reflexão e análise das narrativas, sendo, portanto, vinculada a uma análise crítica e contextualizada.

Quando optamos por utilizar a história pública para pensar a história da educação, especificamente as narrativas docentes, surgiram diversos questionamentos e inquietações, baseados principalmente na ideia de amplificar as vozes das professoras a partir de suas narrativas (Portelli, 2016). Para isso, decidimos realizar as entrevistas em duas modalidades: pública ou individual. A entrevista individual acontece com a presença apenas da narradora e da pesquisadora. Deixamos as professoras livres para escolher qual forma lhes deixaria mais à vontade para compartilhar e narrar suas memórias.

A abordagem da história pública, centrada na construção colaborativa do conhecimento com a comunidade, é evidenciada nas duas modalidades de entrevistas, tanto no compromisso assumido quanto na perspectiva de ampliação das narrativas. Mesmo quando as entrevistas são realizadas individualmente, elas estão fundamentadas nos princípios da história pública, uma vez que são compartilhadas e debatidas abertamente, tanto no ambiente acadêmico quanto nas instituições escolares da comunidade. As duas modalidades estão pautadas nas discussões da história pública, em conjunto com a história oral, para reflexão sobre questões educacionais, constituem elementos fundamentais desta pesquisa. Na Imagem 1 temos um esquema que possibilita uma visão geral de como aconteceu o caminho para chegar a entrevista pública e o que está sendo feito em seguida.

Imagem 1 - Caminhos para a proposta de uma entrevista pública com professores



(Fonte: produção das autoras)

Inicialmente, realizamos o contato inicial com as professoras, o que resultou na formação de uma rede de docentes que se dispuseram a compartilhar suas memórias profissionais e pessoais. A partir desse ponto, apresentamos a elas os objetivos da pesquisa, evidenciando o tema e a metodologia proposta, que contemplava duas modalidades de entrevistas: pública e individual. A entrevista pública, por sua natureza, constituía um desafio adicional, pois as participantes se expressavam diante de uma audiência mais ampla.

Dentre as nove entrevistadas, apenas duas optaram por essa modalidade, possivelmente porque o fato de responder às perguntas e narrar diante de um público consiste em um ambiente mais desafiador para as entrevistadas. Provavelmente o ambiente individual, apenas com a presença da pesquisadora, que já tem um vínculo anterior com elas, as deixou mais à vontade. Contudo, a entrevista pública possibilita uma ampla divulgação da perspectiva histórica por meio das memórias das professoras, permitindo uma maior interação com a comunidade local.

As reflexões apresentadas neste texto derivam dessas duas entrevistas públicas, as quais forneceram subsídios para analisar a construção dessa modalidade de entrevista e suas potencialidades. Ambas foram conduzidas na Escola Municipal Celestino Pimentel, situada no bairro da Cidade da Esperança, em Natal, Rio Grande do Norte.

As professoras narradoras foram Maria Eunice de Carvalho Tavares e Maria Elsa Marques Costa⁴. Quando explicamos sobre as diferenças entre as modalidades, as duas concordaram em participar desse momento de entrevista no formato público. Realizamos o contato com a instituição, expondo a natureza da entrevista pública como uma oportunidade para os professores em atividade refletirem sobre suas práticas e, simultaneamente, conhecerem a história da instituição e do bairro onde atuam.

Posteriormente, foram realizadas ações de divulgação das entrevistas por meio das redes sociais e das instituições de ensino, além de participar de encontros na sala dos professores e da feira de conhecimentos promovida pela instituição. Essa divulgação se estendeu à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, permitindo que estudantes do Programa de Pós-Graduação em Educação também pudessem participar. Moradores locais e familiares das entrevistadas foram incluídos na audiência do evento. Além dos professores, membros da direção, bibliotecária e outros funcionários da escola estiveram presentes. No total, foram treze professores do turno vespertino que participaram da entrevista pública. A data e horário foram escolhidos em conjunto com os professores, que haviam finalizado o ano letivo e estavam em atividades administrativas. Eles opinaram sobre o melhor dia para estarem mais livres para participarem ativamente. Esse momento de decisão com eles foi crucial para garantir uma participação mais ativa e, consequentemente, efetiva. A entrevista aconteceu apenas presencialmente, no entanto, gravamos a narrativa, tanto para fins de análise quanto para poder compor um acervo de trajetórias docentes no futuro.

Durante o momento da entrevista, as professoras tiveram a oportunidade de relatar livremente suas trajetórias de vida, enquanto o público presente interagiu, formulando perguntas sobre temas que lhes despertaram interesse, como a prática com alfabetização e a realidade do bairro. É interessante perceber que, inicialmente, explicitamos que a participação do público poderia ocorrer a qualquer momento, não apenas no final. Optamos por essa abordagem porque sabemos que, por vezes, as percepções e sentimentos despertados por meio das narrativas, acontecem no momento em que escutamos algo que lhe chama atenção. Apesar disso, o público não começou a fazer as perguntas logo no começo da entrevista pública, apenas a partir da metade da

⁴ As narradoras autorizaram o uso dos seus nomes para a pesquisa.

entrevista, eles começaram a se sentir à vontade para perguntar e partilhar suas inquietações. Quando a primeira professora começou a interagir com a narradora, os outros foram abrindo espaço para essa participação.

Um professor fez a seguinte pergunta: “As pedagogas se formam e, de certa forma, seguem alguma linha teórica, como Vygotsky, Piaget ou Luckesi. Na época da senhora, também tinha isso? Complementando, como a senhora alfabetizou?” Para essa pergunta, a professora Maria Elsa iniciou lembrando um momento de sua atuação com a alfabetização, enfatizando que esse foi o seu foco durante a carreira. Para trazer uma situação mais prática, ela citou uma criança que aprendeu a ler rápido e, por isso, ela precisou pensar em novas estratégias, entre elas, ela citou palavras-cruzadas. Ela disse:

A minha vida foi alfabetizar. Eu tinha um menino de Cícera, era meu aluno do jardim, ele aprendeu a ler quando tinha de quatro a cinco anos, eu fazia palavras-cruzadas para ele, porque ele extrapolou o que eu ensinava aos alunos. [...] Paulo Freire era o principal. No curso já se falava em Paulo Freire (Costa, 2023).

Ao final, ela enfatizou os estudos em alfabetização com base no Paulo Freire. O professor que fez a pergunta demonstrou surpresa ao saber que em 1982, as teorias educacionais de Freire já eram referência para a área da educação. Embora não tenha dado continuidade ao diálogo durante da entrevista pública, após o término, havíamos reservado um momento de confraternização informal, o que possibilitou conversas descontraídas entre os presentes.

Em uma interação, temos inúmeros aspectos que podemos traçar algumas reflexões iniciais. O professor que fez a pergunta atua na segunda etapa do Ensino Fundamental e, em conversas com os professores, mencionaram que estão enfrentando inúmeras questões com estudantes que têm dificuldades para ler e escrever desde o sexto ano do Ensino Fundamental. Ao estar em um momento de diálogo com uma professora que atuou por quase trinta anos como alfabetizadora, o professor sentiu-se à vontade para perguntar sobre o processo de alfabetização, reconhecendo a autoridade dela devido à sua vasta experiência na área.

É importante notar que essa pergunta não estava em nosso roteiro e, muito provavelmente, sem a presença do público, não teríamos considerado fazê-la. Isso demonstra que a participação dos professores levantou uma questão importante para o seu cotidiano e para sua prática docente. Por isso, ressaltamos a importância da presença

e engajamento do público em momentos como esse, no qual eles não são meramente ouvintes, mas sim, participantes ativos.

Após a realização das entrevistas, nos comprometemos a continuar ampliando essas narrativas, seja por meio de iniciativas de história pública, seja divulgando-as em diferentes meios, especialmente na comunidade local, nas escolas e nos programas de formação de professores. Nosso objetivo é expandir as oportunidades de formação e de público-alvo por meio das narrativas, sendo esse um compromisso com a pesquisa em educação e com o público. A perspectiva futura é que possamos construir diferentes formas de interação com a comunidade escolar e acadêmica, tanto por meio de plataformas online, como podcasts, quanto por meio de ações de extensão em parceria entre a universidade e as escolas. É importante destacarmos a relevância de ações no espaço escolar, pois não podemos pensar em formação docente sem estar presentes na escola.

Compreendemos a história pública como uma abordagem para construir o conhecimento histórico, que tem ganhado destaque nas discussões acadêmicas da área, especialmente no Brasil. A comunidade brasileira é atuante e tem como foco a ampliação de audiências por meio de uma perspectiva participativa e colaborativa. Para além das publicações acadêmicas, os pesquisadores de história pública têm desenvolvido ações e estratégias visando ultrapassar os muros da academia, envolvendo a população e promovendo uma reflexão mais ampla sobre a história.

Em âmbito internacional, a discussão e aplicação da história pública vem sendo discutida desde a década de 1970, conforme apontado por teóricos dos Estados Unidos. Santhiago (2016) destaca o modelo de ‘public history’ desenvolvido pela University of California, Santa Barbara. Já na Europa, esse movimento se desenvolve de uma forma diferente, apesar de o tema ter emergido mais recentemente, Cauvin (2016) argumenta que o continente já estava imerso em um movimento de interação entre historiadores e o público, compartilhando uma visão diferente da abordagem da história pública desenvolvida nos EUA.

Cada contexto apresenta diferenças na forma como começou a fazer história pública e nas diversas formas de compreensão. No contexto brasileiro, o debate sobre História Pública começou a ganhar destaque há pouco mais de uma década, tendo dois

marcadores temporais de acordo com Santhiago (2016). Sendo eles um evento na Universidade de São Paulo (USP), com o Curso de Introdução à História Pública e um evento realizado pela seção paulista da Associação Nacional de História (ANPUH), que teve como tema geral: “História: da produção ao espaço público” em 2012. No entanto, ele ressalta que já havia iniciativas de história pública mesmo antes de serem reconhecidas como tal. O referido autor esclarece que:

Tão pouco familiar quanto o nome era a existência de estruturas institucionais dedicadas (ou mesmo receptivas) a discutir a história pública: suas possibilidades e seus limites, suas forças e suas fraquezas, suas técnicas e suas implicações teóricas. Esta é, também, uma situação superada: está instalado um espaço de diálogo vigoroso e interdisciplinar — entronizado no campo da história, mas ramificado para outras áreas, como a educação, as comunicações, os Estudos do Patrimônio (sem falar nas áreas “públicas”: Sociologia Pública, Antropologia Pública e, talvez mais notavelmente, Arte Pública) (Santhiago, 2016, p. 24)

Frisch (2016) destaca o papel que o Brasil vem desenvolvendo na história pública, afirmando que essa abordagem já está enraizada no país. Ele defende que a história pública feita no Brasil tem uma forte atuação na construção com o público, indo além de algumas perspectivas vivenciadas por ele em outros contextos, revelando seu potencial com os pesquisadores brasileiros. Nacionalmente, temos uma Rede Brasileira de História Pública, criada em 2012 e vem debatendo seus desafios no Brasil, bem como o primeiro mestrado em história pública, iniciado em 2019 na UNESPAR. Assim, observa-se que a história pública está se consolidando como uma abordagem para pesquisa e reflexão histórica, visando torná-la acessível e democrática. Santhiago (2016), já envolvido com estudos de história oral e suas institucionalizações, tem discutido e refletido sobre os rumos e a sua institucionalização no Brasil. É crucial destacar que, antes mesmo da denominação, já existiam diversas iniciativas no Brasil com essa preocupação em relação ao público. A partir das pesquisas sobre história oral, percebemos que o retorno à comunidade e a contribuição social já eram princípios fundamentais para os oralistas. Como salienta Portelli (2016, p. 23):

A contribuição do historiador/ativista está na elaboração e na articulação dos conhecimentos da comunidade e na disseminação desse conhecimento para além de sua fronteira. Portanto, a contribuição mais importante que sinto ter feito para as comunidades tem sido muitas vezes o fato de que meu trabalho fez com que os conhecimentos delas ficassem acessível para artistas que contaram suas histórias por todo o país.

Portanto, a história pública é apresentada aqui como uma forma de ampliar a história, percebemos que vem sendo utilizada na educação tanto para amplificar as narrativas docentes, quanto em abranger o público com acesso às narrativas, utilizando o digital como recurso e, até mesmo, como uma perspectiva de ensino. Desse modo, concebemos ser possível utilizá-la para refletir sobre a educação, por meio de diferentes formas de construir e pensar a história da educação. Nos propomos a refletir sobre trajetórias de vida docente, formação de professores e sobre a relação que pode ser estabelecida no espaço escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As narrativas dessas professoras se entrelaçam com a história de vida das pesquisadoras, que enquanto professoras, têm mais uma possibilidade de pensar e refletir sobre as próprias experiências e formação. Para Andrade e Almeida (2019), ao compartilhar o “ser professora”, o pesquisador, conseqüentemente, inter-relaciona a própria vida às narrativas, basta ouvir atenciosamente, compreender e ter sensibilidade para com as histórias narradas pelos professores.

Falar sobre a vida docente é, também, falar sobre nossa história, pois corroboramos com Goodson (2022), ao destacar que o historiador da vida reflete a partir da sua própria perspectiva, que já enfatiza o valor da própria história da pessoa. Para o referido autor, ao utilizar o aspecto pessoal em uma pesquisa, estamos desenvolvendo uma pesquisa importante para pensar a prática docente. De modo que “experiências pessoais estão, portanto, conectadas irrevogavelmente à prática. É como se o professor fosse a sua prática” (Goodson, 2022, p. 21).

Ao ouvir as narrativas das professoras, dar a possibilidade de elas contarem e narrarem suas histórias de vida por sua perspectiva, enquanto pesquisadores, não temos a pretensão de “dar voz” a elas, pois elas têm vozes, que foram ouvidas durante os anos em que atuaram como professoras. Assim, estamos construindo uma prática de pesquisa na qual suas vozes sejam amplificadas e sejam ouvidas.

Nessa perspectiva, ao cruzar as narrativas das professoras, refletir sobre elas e torná-las fonte, estamos representando uma voz coletiva. A fonte oral possibilita que as

professoras percebam o protagonismo em suas próprias histórias de vida, vamos além de uma representação estatística, ou seja, ao invés de procurá-las em arquivos, documentos escritos oficiais que mostram quando iniciaram e encerraram suas atividades, registro de ponto ou sua matrícula na instituição. Conversamos diretamente com elas, ouvimos suas memórias de vida diretamente delas, construindo a fonte a partir da entrevista oral que podem ser cruzadas (Thompson, 1992) com outros registros, mas existem para além deles.

Ao trabalhar com a história oral, especialmente com histórias de vida, o respeito às professoras, que estão narrando sua história de vida, é ponto determinante na pesquisa. Ouvi-las, com respeito e atenção, pois, antes de serem participantes da pesquisa, são seres-humanos, professoras que aceitaram compartilhar suas histórias de vida.

A pesquisa em educação, a partir das narrativas docentes, a partir da articulação entre a história oral e reflexões acerca da formação de professores, poderá possibilitar uma relação essencialmente formativa. Uma vez que a interação entre o pesquisador e o narrador já é um movimento formativo e de produção do conhecimento (Andrade e Almeida, 2019, p. 15). Atrelado à história oral, ao utilizar a entrevista pública como um instrumento de pesquisa, foi possível ir além dos limites da Universidade. Não foram apenas sujeitos da academia que tiveram acesso à pesquisa, mas também, professores da Escola Municipal Celestino Pimentel, que pararam um pouco do seu dia a dia para ouvir as narrativas das professoras.

Para realizar as entrevistas, foram utilizados os procedimentos da metodologia da história oral, considerando os preceitos da ética e respeito às narradoras. Andrade e Almeida (2019) concebem que a história oral busca a “memória viva” e, a partir dela, é possível construir uma interpretação, estando respaldado em um processo de pesquisa com características específicas e operações práticas. Para Andrade, Almeida e Silva (2019), a partir das narrativas docentes é possível “refletir sobre os professores como sujeitos dos seus próprios saberes e práticas — lugar social para a análise das suas trajetórias de vida e das inventividades docentes” (p. 159).

O fazer cotidiano docente implica em uma complexidade de afazeres e práticas, são muitas decisões, experiências e acontecimentos que tornam esse dia a dia dinâmico.

Nessa perspectiva, se pressupõe que muito do que é vivido pode ser narrado pelo professor e, a partir disso, surge um mundo de possibilidades a serem exploradas. Se as experiências e a prática são intrínsecas à atuação do professor, a partir delas é possível realizar pesquisas na área da educação que podem contribuir em diversas áreas. No nosso caso, argumentamos que essas narrativas potencializam uma reflexão acerca do fazer docente e da história da educação.

Para Pranto, Sulaiman e Almeida (2023), as narrativas de professores trazem consigo “inventividades e artes do fazer em sala de aula”, as quais perpassam desde reflexões sobre a escolha da profissão, até a sua formação na totalidade, incluindo o seu dia a dia. Além disso, as referidas autoras destacam o potencial da criação de redes de significação da experiência, que podem envolver professores em formação. Para Andrade, Almeida e Silva (2019):

O método (auto) biográfico contribui para que se possa observar a construção das narrativas dos professores (praticantes ordinários) sobre si e sobre a docência, em um deslocamento que é particular e, também, coletivamente marcado pelas relações com os muitos “outros” que cruzam a vida e a profissão (p. 166).

A relevância de utilizar as narrativas docentes para formação de professores está relacionada à valorização docente, pois ampliar e ouvir a voz do professor é reconhecer o conhecimento construído a partir da prática cotidiana, ou seja, o saber experiencial discutido por Tardif (2014). Sobre a valorização docente, Goodson (2022) discute que por um tempo, o professor era visto como reprodutor, de modo que não era considerado central na construção do conhecimento. Sobre essa percepção em relação aos professores, Andrade, Almeida e Silva (2019) argumentam:

Parte-se, portanto, da percepção de que os professores estão situados em um contexto de desconfiança, em relação tanto às suas práticas quanto aos seus saberes. Em caráter amplo, a ideia de sujeitos periféricos pode abarcar aqueles que se situam às margens das relações de poder na sociedade, particularmente na interface com questões relativas à Educação, podendo representar diferentes atores sociais (ALMEIDA et. al., p. 161, 2019).

Para os referidos autores, portanto, devemos considerar a cultura docente e qualificar as discussões e análises sobre a prática docente, de modo que os professores não sejam vistos como “replicadores” de informação. Indo ao encontro dessa perspectiva, as pesquisas a partir e sobre o docente cresceram e o trouxeram para o centro da pesquisa em educação. Nacionalmente, as práticas de pesquisa com narrativas

docentes vêm ganhando mais espaço. Pranto, Sulaiman e Almeida (2023) discutem sobre como as narrativas docentes, a partir da história oral, tem se constituído como uma linha de pesquisa no Brasil, notadamente nos últimos anos. Elas destacam as iniciativas como a criação do “Acervo Trajetórias Docentes” na Universidade Federal Fluminense, que contempla narrativas de professores no Brasil, disponível na página do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI). Essa iniciativa permitiu o crescimento e o início de um coletivo de professores e professoras organizado em rede, intitulado “Rede Trajetórias Docentes”.

As referidas autoras também citam o GRIFARS (UFRN) e o Repositório de História Oral da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - REPHO (UFRGS) como espaços importantes para a produção de narrativas docentes. Tais iniciativas e projetos que vêm sendo desenvolvidos demonstram a organização e crescimento das pesquisas com narrativas docentes, que valorizam o trabalho desenvolvido pelos professores em diferentes espaços de tempo e contribuem para a reflexão acerca de práticas docentes, bem como para discussão do campo da história da educação.

Considerando a perspectiva dialógica da metodologia, trabalhando com a escuta de narrativas a partir da história oral e da história pública, ela possui um caráter formativo tanto para quem narra, quanto para quem escuta (Pranto; Sulaiman; Almeida, 2023). Nessa pesquisa, as narradoras foram professoras do primário, atuando como polivalentes, mas especificamente com um foco na alfabetização, dado o contexto da década de 1960. Enquanto aqueles que as ouviram foram professores de escolas públicas da Zona Oeste de Natal–RN, comunidade escolar, moradores do bairro e pós-graduandos do Programa de Educação (PPGED — UFRN).

Nessa perspectiva, ao narrar suas práticas e suas trajetórias de vida, essas professoras estavam refletindo sobre sua narrativa, a partir do tempo presente, ao mesmo tempo, formavam professores que lecionam atualmente no bairro, como docentes, tendo sido, portanto, um momento de formação continuada para aqueles professores. Andrade, Almeida e Silva (2019) argumentam que professores em formação, tanto inicial como continuada, podem reivindicar seu protagonismo nos discursos acerca da profissão docente, a partir das narrativas. Os referidos autores destacam:

Nas narrativas docentes, professores em formação (inicial e continuada), sujeitos de suas próprias práticas, reivindicam seu protagonismo nos discursos sobre a profissão e a educação, além de confrontar aquilo que muitas vezes se apresenta nos discursos oficiais como boas práticas, criando produções pedagógicas que nem sempre circulam nos meios públicos disponíveis [...]” (ALMEIDA et. al., p. 174, 2019).

Portanto, a partir de autores que pesquisam sobre o fazer docente por meio da narrativa, como Goodson (2020) e Pranto, Sulaiman e Almeida (2023), é possível perceber que as narrativas docentes possibilitam uma melhor compreensão dos saberes docentes tendo como referências suas vivências e experiências. De modo que, pode-se construir uma prática de escuta dialógica e compartilhada, na qual as narradoras tenham uma participação ativa na construção da fonte.

Esse movimento de trabalho com as narrativas docentes enquanto objeto de pesquisa, está imbricado em uma perspectiva que aproxima a academia da comunidade, enquanto permite uma atuação nas instituições escolares para possibilitar uma reflexão sobre a prática docente a partir da valorização das narrativas de professores.

Mediamos o momento da entrevista, facilitando o processo para as narradoras poderem compartilhar detalhadamente suas experiências e histórias de vida, com um foco especial na atuação docente no bairro da Cidade da Esperança. Durante a entrevista, visamos criar um ambiente acolhedor e confortável, permitindo que as narradoras se sentissem à vontade para expressar suas opiniões e vivências. Por meio das perguntas cuidadosamente elaboradas, direcionamos o diálogo para diferentes aspectos relevantes à pesquisa, abrangendo desde desafios e conquistas pessoais até metodologias pedagógicas adotadas. Essas informações são valiosas tanto para fins de análise e construção do conhecimento acadêmico quanto para proporcionar percepções e reflexões aos professores que assistiram a essas entrevistas.

Destacamos, assim, uma perspectiva na qual as narrativas docentes não sejam utilizadas para elencar o que é certo ou errado na atuação docente, bem como não se constituam como uma prescrição de ações. Pelo contrário, as narrativas são um instrumento de reflexão da prática, que possibilitam a construção de diferentes percepções e compreensões acerca da educação. Pranto; Sulaiman; Almeida (2023, p. 58), destacam produzir uma formação docente intergeracional:

A formação docente intergeracional fundamenta a perspectiva do papel formativo da entrevista de História Oral com base nas narrativas docentes. Como mencionado na

seção anterior, no processo narrativo da entrevista, o/ a professor/ a da rede básica também se forma, posto que dialoga com outro público e consegue estabelecer um espaço- tempo de reflexão acerca de si: nesse movimento de construção de uma narrativa autobiográfica, ele/ a pode produzir uma "escrita de si", interrompendo o ritmo frenético do cotidiano escolar e elaborando um olhar sobre suas ações, o que pode lhe impulsionar a realizar o movimento de ação- reflexão- ação, ou seja, sua própria práxis, sendo provocada por futuros professores.

Assim, as entrevistas públicas com professoras aposentadas, no espaço escolar com professores em exercício na educação básica, possibilitaram esse contato intergeracional que possibilita um movimento de ação-reflexão-ação.

Esse movimento de relação entre história oral e história pública feito na entrevista enriquece ainda mais a formação docente. Isto aconteceu a partir do momento em que professores atuantes na rede pública de hoje, tiveram o contato com as memórias e narrativas das professoras que participaram da educação no bairro desde o começo.

Assim, Andrade e Almeida (2019) afirmam que, ao narrar suas experiências, práticas e história de vida, as professoras estão sendo protagonistas na discussão sobre a sua própria profissão e sobre a educação. Portanto, a história de vida é uma vertente da história oral primordial nessa pesquisa, uma vez que a partir dela, o foco da pesquisa está voltado às trajetórias docentes, e às experiências, tudo por meio das narrativas orais.

A partir da história de vida, reconhecemos o professor como protagonista ao ouvir sua voz e considerá-la na produção da pesquisa em educação (Andrade e Almeida, 2019). Corroboramos com os referidos autores, portanto, ao considerar a história de vida como uma abordagem que possibilita olhar para as memórias da vida e do trabalho do professor a partir do contexto histórico e, assim, realizar relações entre a história individual com a história coletiva da sociedade.

Do ponto de vista da criação e compartilhamento de saberes, propomos uma abordagem nas entrevistas com professoras, a partir da qual é possível refletir sobre a formação docente considerando as entrevistas públicas realizadas na escola. Naquele espaço, consideramos que os entrevistados eram os professores que vivenciaram a escola em outro contexto e o público era formado pelos professores que atuam no presente. A partir disso, foi possível propor um espaço de reflexões acerca da trajetória

pessoal através do relato autobiográfico, assim como, uma compreensão da história da educação e da formação de professores a partir das histórias de vida e seus aspectos significativos. Esse processo de integração entre as professoras aposentadas e professores em exercício propõe uma perspectiva na qual os docentes atuais possam ter um espaço de reflexão sobre a prática, assim como, conhecer a história da comunidade na qual atuam. Sendo assim, ocorre uma relação entre educação e comunidade no contexto do desenvolvimento local.

As narrativas das professoras sobre suas experiências de formação e vida estão intrinsecamente ligadas aos significados dos membros da comunidade escolar, sua influência e a criação como uma fonte de narrativas que nos permitem entender o ambiente e suas mudanças. Neste estudo, as histórias surgem das vivências docentes resultantes nos significados construídos pelas professoras, baseadas nas concepções pedagógicas específicas da época em questão, isto é, entre 1966 e 1996.

Um exemplo de um recorte é quando a professora Maria Elsa trouxe em sua narrativa como privilegiava o trabalho com artes e teatro. Ela narrou:

A gente fazia trigos de papel crepom, ainda hoje faço, para enfeitar aquelas borboletas de revista, aquelas de preguinha. Então, a gente fazia com os alunos, o trabalho de teatro, fazia de tudo, tinha um professor lá, chamado João Batista, com quem eu trabalhava muito junto, era um rapaz muito animado. Aqui no Celestino só tinha dois salões, que era o Conselho Comunitário, a gente vinha lá do Raimundo Soares para fazer aquela corrida de revezamento (Costa, 2023).

Em suas práticas, Elsa uniu trabalhos teatrais e outras formas de expressão artística, demonstrando uma abordagem educacional na qual se valoriza o aprendizado ativo e colaborativo. Além disso, mostra a importância do diálogo com outros professores para realizar um trabalho interdisciplinar. Assim como a referência ao Conselho Comunitário e às corridas de revezamento indica a integração entre a escola e a comunidade. A partir dessas práticas, inferimos que a educação é vista como um processo coletivo e participativo.

Sobre o contexto dos anos 1960 no Brasil, Ridenti (2019) enfatiza a produção intelectual de Paulo Freire e a artística de Augusto Boal com o Teatro Arena. Ele explicita como as ideias eram pautadas na concepção de que a educação deve ser um ato de liberdade e uma prática de diálogo (Freire, 2013). É possível inferir que as práticas que Elsa narrou estão inseridas nesse contexto, no qual o teatro, a arte e uma educação

dialógica estavam sendo amplamente discutidos no âmbito educacional. Isso está principalmente associado ao fato de que ela citou Paulo Freire como uma das suas principais bases para pensar o processo de alfabetização. Ao trabalhar com arte e teatro, distanciando-se de uma prática mais tradicional, Elsa traz uma perspectiva na qual as crianças são cocriadoras do conhecimento, em vez de receptores passivos de informações.

Na entrevista de Maria Eunice, também foi possível fazer algumas conexões em relação ao contexto no qual atuava. Uma professora que estava assistindo fez a seguinte pergunta: “Como foi ser professora em pleno regime militar? Tinha alguma orientação mais rígida?”. Nesse momento, a expressão no rosto de Eunice se tornou um semblante triste e ela respondeu:

Durante o Regime Militar, eram regras rígidas, a gente tinha que ter, fora outras coisas que se eu me lembrar vou dizendo, um caderno de plano de aula que deveria ser dividido na folha, com os nomes “conteúdo, assunto, objetivos, desenvolvimento, conclusão e atividades”. Todo sábado, em reunião de planejamento, a gente tinha que mostrar a essa coordenadora, a gente se reunia para fazer esses planejamentos. Cada dia de aula era uma folha dessa, grande e cheia de detalhes escritos. Tínhamos que mostrar para ela, para verificar se podia ou não podia, se dava certo ou não dava e então, partia para a sala de aula. Tinha que cumprir aquilo ali.

A partir disso, podemos inferir que essa narrativa revela um contexto de controle rígido da atividade docente durante o período da ditadura militar que iniciou em 1964 no Brasil, período no qual ela atuava como professora, além do caráter tecnicista, que ganhou força naquele momento. Esse período é fortemente caracterizado por uma perspectiva tecnicista da prática pedagógica, na qual o professor era extremamente controlado e observado. A exigência de detalhes e a necessidade da permissão para atuar em sala são aspectos que ilustram a pouca autonomia e o controle com as professoras, reforçando um modelo de educação padronizado.

Concordamos com Luckesi (2017), ao explicitar como eram as condições de planejamentos nesse contexto. Essa discussão vai ao encontro da narrativa de Maria Eunice, uma vez que ressalta o controle rígido e a perspectiva baseada no domínio de técnicas. Assim, o planejamento e a implementação de estratégias eram tratados de maneira quase militar, tornando-se uma prática central na educação daquele tempo.

O planejamento pelo planejamento, com as tais identificações de “estratégias” (termo da balística militar) passou a fazer 30 parte de uma habilitação de iniciados. O

domínio das técnicas de planificação, especialmente do ensino, passou a constituir o pano de fundo da prática educacional” (p. 30).

Assim, ao escutar essas narrativas, podemos perceber como elas revisitam discussões importantes para pensar diferentes dimensões da atuação docente, desde as práticas às concepções de educação e aos acontecimentos ao longo da história da educação no Brasil. Portanto, consideramos que quando as concepções de história pública e história oral se unem e transformam a prática da entrevista em um exercício de compartilhamento e construção imediata junto ao público, no nosso caso, professores da rede básica, seguindo o que propõe Frisch (2016) sob uma perspectiva de autoridade compartilhada. Para o referido autor:

[...]na natureza da história oral e da história pública, nós não somos a única autoridade, os únicos intérpretes, os únicos autores-historiadores. Em vez disso, o processo de interpretação e de construção de significados é, por definição, compartilhado. Até onde entendo, nós simplesmente não temos autoridade para sair distribuindo por aí (Frisch, 2016, p. 62).

Esta é uma perspectiva na qual a construção da história oral com a história pública é feita com uma autoria compartilhada. O pesquisador/historiador não tem autoridade exclusiva sobre aquela fala ou determinado assunto, mas está construindo com o entrevistado ou com o público. Esse processo colaborativo envolve um diálogo contínuo, no qual ambas as partes contribuem com suas experiências, conhecimentos e interpretações. Como pesquisadoras, devemos estar abertas a novas perspectivas e dispostas a reavaliar nossas próprias concepções, reconhecendo o valor das narrativas pessoais e a importância da inclusão de múltiplas vozes na construção do conhecimento histórico.

Para Shopes (2016), a história pública é uma prática, ou seja, uma forma de fazer história, destacando seu caráter reflexivo. Para ela, os historiadores públicos constroem a teoria a partir da base, sem a impor a partir de uma fonte específica. A autora, compreende que a autoridade compartilhada pode descrever o diálogo que reside no coração do intercâmbio da entrevista. A autoridade compartilhada, existe a partir da troca que acontece entre o entrevistador e entrevistado, definindo um processo colaborativo, no qual o historiador público realiza um trabalho de maneira colaborativa com a população local e, no caso da história oral, com um ou mais narradores.

Concebemos a história pública, alinhadas à visão de Cauvin (2016), para quem o conceito de história pública é tornar a história ainda mais acessível e aberta a todos. Sob essa ótica, a história pública desempenha um papel fulcral no envolvimento da comunidade, tornando-a acessível a diversos públicos, incentivando a participação e fomentando uma interação colaborativa. O referido autor reitera a importância de estender a história para além dos limites acadêmicos, criando uma conexão entre universidades, escolas e uma variedade de instituições e grupos.

Corroboramos com as considerações de Santhiago (2016) ao abordar a complexidade e diversidade da história pública. Entre as diversas abordagens, ele destaca a distinção entre a história feita para o público e aquela feita com o público. A primeira concentra-se na ampliação das audiências, enquanto a segunda enfatiza a participação ativa das pessoas. Santhiago (2016) argumenta que a história pública se diferencia dos métodos mais tradicionais da academia ao buscar expandir o espaço, o público e a aplicação do conhecimento histórico. Para ele, “fazer história pública significa trabalhar pela disseminação do conhecimento histórico para uma ampla audiência” (p. 27). Para além da ampliação, Santhiago (2018) argumenta que, em sua concepção, a história pública coloca as vozes dos entrevistados em circulação, amplificando-as, a partir de discussões críticas que não interferem na independência intelectual da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos, portanto, como uma forma tanto de ampliação da pesquisa, como de democratização do acesso da comunidade escolar às pesquisas. Salientamos a importância do desenvolvimento de pesquisas com a história pública no âmbito da academia, relacionando-a ao fato de que as instituições de Educação Superior no Brasil têm como princípio fundamental a integração da tríade ensino, pesquisa e extensão. Isto implica em uma interação direta com a comunidade, em vez de uma pesquisa distante do público. Essa abordagem está em sintonia com o objetivo central da história pública de estabelecer uma relação próxima com a comunidade. Andrade e Andrade (2016), argumentam que: “[...] o movimento que articula saber acadêmico, práticas sociais e

saber a ensinar é de mão dupla, sugerindo uma relação permeável às influências e modificações recíprocas” (Andrade e Andrade, 2016, p. 180).

Isso ressalta a ideia de uma relação dinâmica e interativa entre a academia e a comunidade, especialmente no contexto da pesquisa em história pública. As instituições de Educação Superior devem estar envolvidas em um processo de interação direta com o público, ao invés de conduzir pesquisas isoladas e distantes da comunidade.

Essa via de mão dupla, destacada por Santhiago (2016) e Andrade e Andrade (2016), são indícios para se refletir acerca da produção do conhecimento acadêmico, das práticas sociais e da educação, que estão interligados de maneira que influenciam sendo influenciados mutuamente. Isso implica refletir que a pesquisa em história pública não é apenas sobre comunicar resultados acadêmicos para o público, mas também sobre estar aberto a influências externas e às contribuições da comunidade para o próprio processo de pesquisa.

Portanto, durante a entrevista pública, que constitui um momento crucial na construção do dado para a pesquisa, tanto o público quanto as narradoras têm a oportunidade de interagir ativamente, refletir sobre o conteúdo apresentado, levantar questões pertinentes e participar ativamente do processo. Além disso, as narradoras têm uma participação ativa nesse momento, pois lhes proporciona uma oportunidade de reflexão e aprendizado ao compartilharem suas memórias. Isso ressalta o caráter colaborativo inerente à entrevista pública, o qual é uma característica distintiva da pesquisa a partir da história pública. Esse caráter colaborativo permeia todo o processo de produção do conhecimento, desde a fase inicial de escuta das narrativas até as análises e discussões que emergem posteriormente, evidenciando a importância da coletividade e colaboração.

As reflexões propostas revelam a complexidade do cotidiano docente, considerando suas atividades diárias, experiências e eventos que tornam seu fazer docente dinâmico e desafiador. Desse modo, reiteramos a importância de não considerar os professores como meros replicadores de conhecimento, mas sim como agentes ativos na construção do saber pedagógico, capazes de produzir práticas inovadoras e significativas. Portanto, ouvir narrativas docentes propõe uma valorização do conhecimento experiencial sendo reconhecidas como uma fonte para produção do

conhecimento em educação, que permitem uma reflexão sobre o fazer docente e a história da educação, contribuindo assim para uma compreensão da prática pedagógica.

As entrevistas desenvolvidas com professoras aposentadas, que construíram suas narrativas docentes a partir da mediação, contribuíram para a formação inicial de professores, bem como promoveram uma formação continuada ao longo da carreira docente, criando espaços de diálogo intergeracional que enriquecem a prática pedagógica.

O processo de pesquisa envolvendo história oral e história pública é, sem dúvida, desafiador. Esse percurso compreende várias etapas, incluindo a elaboração de um roteiro, o estudo da temática, a formação de uma rede de narradores, o engajamento com professores da comunidade, a realização de entrevistas públicas, além do retorno e diálogo contínuo com a comunidade. Apesar da complexidade e do trabalho envolvido, estamos desenvolvendo uma pesquisa em colaboração direta com a comunidade. É precisamente essa colaboração que constitui um diferencial fundamental e que tem muito a somar na forma que construímos a história da educação a partir de narrativas docentes.

A relação entre história oral e história pública potencializa ainda mais o caráter formativo das entrevistas, enfatizando a necessidade de compartilhar e valorizar as experiências dos professores na comunidade escolar e para além dela. A entrevista pública promove uma abordagem colaborativa e dialógica, na qual tanto os entrevistados quanto o público participante contribuem para a construção do conhecimento histórico e pedagógico, sendo assim, uma estratégia de promoção da reflexão e valorização da prática pedagógica.

Concluimos que, como professoras e pesquisadoras, aprendemos sobre inúmeros aspectos da docência e da história da educação por meio dessas narrativas. Além disso, este projeto se revelou uma oportunidade de praticar uma abordagem mais humanizada na pesquisa, valorizando os diversos atores da educação. A potencialidade das entrevistas públicas com professores se manifesta na ampliação das possibilidades de formação para diversos públicos: professores aposentados que narram suas experiências, professores em atuação ou iniciantes que escutam e refletem, e pesquisadores da

educação que, além de mediar, têm a oportunidade de analisar e desenvolver a pesquisa de maneira mais horizontal e próxima da comunidade escolar.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Everardo Paiva; ALMEIDA, Juniele Rabêlo. *História oral e educação: experiência, tempo e narrativa*. São Paulo: Letra e Voz, 2019.
- CAUVIN, Thomas. *Public history: a textbook of practice*. 2nd edition. New York, NY: Routledge, 2019.
- DELGADO, Lucilia De Almeida Neves. *História Oral: Memória, Tempo, Identidades*. Autêntica Editora, 2017.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013.
- FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital e vice-versa. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo; MAUAD, Ana Maria (Orgs.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2017.
- GOODSON, Ivor F. *A vida e o trabalho docente*. Trad. Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. O papel do didático na formação do educador. In: CANDAU, Vera Maria (Ed.). *A didática em questão (36a. ed.)*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2017.
- PRANTO, Aliny Dayany Pereira De Medeiros; SULAIMAN, Samia Nascimento; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. Narrativas docentes para a formação inicial e continuada: a história oral no estudo das trajetórias docentes. *Revista Crítica Histórica*, v. 14, n. 28, p. 45–61, 2023.
- RIDENTI, Marcelo. Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança. In: FERREIRA, Jorge Luiz; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano*. Nova edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo; MAUAD, Ana Maria (Orgs.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- SANTHIAGO, Ricardo. História pública e autorreflexividade: da prescrição ao processo. *Revista Tempo e Argumento*, v. 10, n. 23, p. 286–309, 2018.
- SHOPES, Linda. A evolução do relacionamento entre história oral e história pública. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo; MAUAD, Ana Maria (Orgs.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- SILVA, Mariana Mizael Pinheiro da; ANDRADE, Everardo Paiva de; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. Artes de ensinar, ofício de viver: das narrativas (auto)biográficas a uma história pública dos professores. *Revista História Hoje*, v. 8, n. 15, p. 158–181, 2019.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

THOMPSON, Paul. *A Voz Do Passado: Historia Oral*. Rio de Janeiro: Paz E Terra, 1992



Os direitos de licenciamento utilizados pela Revista Histórias Públicas é a licença
Creative Commons Attribution-Non Commercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 29/02/2024
Aprovado em: 16/08/2024